

A formalização do Ato psicanalítico para os psicanalistas.

Trabalho individual

Ma. Teresa Saraiva Melloni¹

“O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização”. (Lacan, *O Sem XX, Mais, ainda*; Zahar 1982, p. 125)

O ato psicanalítico jamais estará dissociado da formação da mesma forma que esta está ligada ao percurso de um analista em uma escola. A partir desse ponto, não há mais recurso ao encadeamento significativo, que desloca o sujeito através do eixo do “eu não penso aí onde eu sou”, nem tampouco o apelo ao “sujeito suposto saber”, que a essa altura já deve estar reduzido a um ponto no horizonte.

Lacan mesmo, não nos poupou do rescaldo do que foi o seu percurso entre os destroços do movimento psicanalítico, na França da primeira metade do século passado. A solidão que ele experimentou em ato, na fundação da sua escola – “tão sozinho como sempre estive”² foi teorizada com o grupo de Klein, no vértice inferior direito, que ele chamou de impasse. Assim, um psicanalista brota no campo da transferência, dela se descolando, através da operação verdade, que ele é, na condição de que dela nada saiba.

Ao analista que então advém como causa da sua divisão, cabe fazer trabalhar o inconsciente. Dirigido ao discurso, põe à prova a transferência de trabalho. Na medida em que cai a suposição de saber no Outro e dissolve-se a representação de um sujeito de um significativo a outro, a linguagem passa a ser um refúgio ao ato. O que resta então do dizer do psicanalista? O que resta dizer depois do ato?

Assim, na condição de não saber mais quem sou, no meu dizer, se me impõe o difícil campo singular da experiência. Como inserir o singular da experiência no campo do coletivo de uma Escola? Face à dificuldade que a questão da experiência traz para os psicanalistas, cito Lacan:

“Com efeito, eu me pergunto o que, de algum modo, pode, o que pode permitir dar ênfase ao que é inteiramente específico desse saber de uma experiência. Isso não é, certamente, acessível a nenhuma operação lógica. [...] Esse lado centrado, ao mesmo tempo peristáltico e antiperistáltico, é algo de visceral à experiência psicanalítica. Isso que os senhores efetivamente verão configurado, instado em uma tribuna, certamente não é o ponto mais fácil de alcançar pelo efeito de uma dialética, está aí o ponto essencial em torno do qual se joga, ai de mim, o que Clawsewitz³ estabeleceu como dessimétrico entre a ofensiva e a defensiva.” (Lacan, 1967-1968 p.113)

¹ Psicanalista membro da Escola lacaniana de psicanálise – RJ, professora do Laureate IBMR.

² Lacan, J. *Ato de fundação*, Outros Escritos., Zahar, Rio de Janeiro: 2003

³ Carl Clawsewitz, 1780-1831, militar da Prússia, hoje Alemanha, grande estrategista de guerra

Esse parágrafo, pela abrangência dos campos de conhecimento envolvidos, por si só, merece uma extensa discussão. No entanto, dele, destacaremos apenas, o fato de Lacan se referir a um general prussiano, teórico da guerra, para tratar da experiência do ato, como o “campo onde os psicanalistas devem centrar sua função, um campo totalmente diverso daquele onde são requisitados” (Lacan, 1967-1968 p.113).

Como em estado de guerra, o ato psicanalítico suspende tudo o que até então tenha sido instituído, formulado, produzido como estatuto do ato. Por isso, Lacan diz que não há nada de tão exitoso, como a presença do fracasso na estrutura do ato. Essa é a experiência que resta ao psicanalista, ao final de uma análise. O sucesso do fracasso como o que vem dar valência ao ato.

O psicanalista, aí, é esse passageiro conduzido pelo terreno minado, de cujo mapa ele riscou a “suposição de saber”, sem as pistas que, com as pegadas do Outro, outrora se orientava, já despojado das vestes de *i(a)* e exposto ao objeto causa da sua divisão.

Nada mais resta do analisante, até então apoiado sobre o SsS. A partir do ato que o funda como analista, ele vê o trabalho do inconsciente promover um ato de fé, colocado em questão, riscando do mapa o SsS. Ao final de uma análise, esse lugar onde habitava o SsS vai poder por em questão, a fé em ‘há um’. A partir de então, já não é mais importante onde ele esteja colocado, porque pode estar em qualquer um.

Por isso, o surgimento de um analista tem consequências para o movimento psicanalítico. Se a suposição de saber pode circular, haverá uma recomposição dos lugares, não só dentro das escolas de psicanálise, mas também entre elas. Muitas vezes, as escolas não conseguem operar o luto necessário para o ultrapassamento do impasse dessa passagem, ao ponto de permitir uma refundação da psicanálise. Por outro lado, Lacan nomeia de ato em falso, esse suporte dado ao ato analítico, ao qual o analista se presta, na condição de saber que não pode sê-lo. Como alguém, fruto do ato e dele advertido, suporta restaurar na transferência, a atualização do inconsciente, com esse *ser* sem essência, nada mais que resto, caído como objeto *a*?

Tais operações de deslocamentos, não justificam que as cisões produzidas nas escolas de psicanálise sejam atribuídas à estrutura do ato psicanalítico, ou ao momento de passagem de psicanalisando à psicanalista, mesmo quando se observa aí, uma certa sincronia. Ato psicanalítico não se explica. Portanto, não haverá consolo nem conformação, para os percalços em que se desdobram as experiências de uma escola, nem a história do movimento psicanalítico. Isso seria uma leitura moral do fracasso, em vez de fracasso enquanto lugar na estrutura, servindo de abrigo contra o questionamento que o bem dizer do sintoma de uma escola pode produzir. Da mesma forma que nenhuma história se sustenta, a não ser que se inclua o historiador, esse ponto no qual o SsS é questionado é o ponto em que, uma escola deve insistir, para que aí se produza a verdade.

O ato não implica em reconhecimento, isto diz respeito mais ao sujeito, do que a colocação em ato do sujeito. A colocação em ato do sujeito não se remete ao Outro, ela se remete à origem, ou seja, a esse lugar onde ele não pode se refletir, em um breve

instante o sujeito aceita não se reconhecer em seu ato. Na medida em que ele aceite ser ato, ele não pode aceitar, ao mesmo tempo, ser representação dele mesmo agindo.

Se há algum lugar onde o analista não se conhece é no ponto onde ele é esperado – em a – que o analisando exige dele, como outro, para que seja rejeitado. “Lá onde o significante agia, eu ajo, como dejetivo, lanço no mundo esta coisa – a – razão daquilo que introduz uma nova ordem, da qual sou dejetivo/suporte” (Lacan, 1967-1968 p. 99).

Concluimos assim, que ao introduzir uma nova ordem, o ato psicanalítico, ao final da análise de um psicanalista e o funcionamento do dispositivo do passe incidem sobre a Escola, sob forma de dissolução/renodulação. Resta a cada um psicanalista, como Lacan, tão sozinho como sempre esteve, suportar as perdas narcísicas e sustentar as consequências advindas do real do ato. É o instante de re-ver as bases de sustentação do funcionamento da Escola, para concluir uma nova história.

Bibliographie:

Lacan, J. O Sem XV, O ato psicanalítico, edição Escola de estudos psicanalíticos de Recife - PE

Lacan, J. *O Sem XX, Mais, ainda*; Zahar, Rio de Janeiro:1982